

O QUE FAZER COM OS PRÉ-SILÁBICOS?¹

Rosaura Soligo

Muitas professoras, preocupadas com a alfabetização das crianças ou com as orientações supostamente científicas do Ministério da Educação, têm insistido no treino de sons associados a letras, principalmente porque muitas delas ainda "são" pré-silábicas.

Perdão por dizer, mas, por mais bem-intencionadas que sejam essas professoras, isso é uma espécie de bullying. Por várias razões.

As crianças não "são" pré-silábicas – esse não é um adjetivo para caracterizar pessoas, mas sim o nome atribuído a uma hipótese sobre a escrita. E essa hipótese significa que a pessoa (criança ou adulto) ainda não foi desafiada a estabelecer relação entre o que se diz e o que se escreve (ou, dito de outros modos, entre fala e escrita ou entre oral e escrito ou entre pauta sonora e pauta escrita).

Portanto, qual a lógica de propor o treino dos sons das letras para pessoas que ainda não estabelecem relação entre sons e letras, entre palavras ditas e palavras escritas, entre ditos e escritos?

O que ajudará as crianças que apresentam hipótese pré-silábica, isto é, que ainda não tiveram a chance de aprender que existe relação entre o que se fala e o que se escreve?

Professoras que demonstram em atos, diariamente, o que essas crianças não entenderam ainda...

E o que as professoras devem fazer para isso (na rotina das turmas de alfabetização)?

Ler diariamente bons livros mostrando onde estão lendo (título, nome do autor, texto etc), escrever dizendo o que estão escrevendo, propor atividades com os nomes das crianças (escritas que informam naturalmente os nomes que elas conhecem e falam o tempo todo), agrupar crianças que pensam diferente em relação a escrita para que possam ter a experiência de constatar que há quem pense de outro modo, fazer boas perguntas que as ajudem a pensar, propor que escrevam como conseguirem, pedir que tentem encontrar algo que está escrito em textos conhecidos, criar situações de leitura e produção coletiva – só para citar alguns exemplos.

¹ Texto publicado originalmente em <https://www.facebook.com/groups/279888086615352>

Para quê?

Para que todos da turma possam aprender o que precisam e, nesse contexto, as crianças com hipótese pré-silábica possam aprender, dentre tantas coisas boas e importantes, também a relação entre o que se diz e o que se escreve.

Percebem que essas são propostas adequadas para toda a turma?!

Então, qual a razão lógica (e a fundamentação científica) de – no lugar dessas propostas significativas e contextualizadas, que ajudam todas as crianças a avançar, cada qual de onde estiver no processo de alfabetização – propor que treinem fonemas associados a letras (a menor unidade da fala associada à menor unidade da escrita), essa coisa inalcançável para a maioria delas?

Imaginem vocês aprendendo japonês... Vocês não sabem o que os ideogramas representam, não sabem a relação entre eles e alguém resolve começar a ensinar a língua japonesa explicando como funciona a menor unidade de cada ideograma... Percebem o absurdo?

Não há ciência e nem bom senso que justifique essa escolha equivocada e prejudicial a quem precisa tanto aprender.

PS. Para saber mais:

<https://rosaurasoligooficial.files.wordpress.com/2022/03/rosaura-soligo-consideracoes-sobre-o-planejamento-da-rotina.pdf>

PS 2. Como sabemos, são três as funções principais dos coordenadores pedagógicos das escolas: garantir a formação continuada, articular as propostas pedagógicas e zelar pelas aprendizagens de alunos e profissionais. Ajudar os professores a compreender “O que fazer com os pré-silábicos”, considerando as ponderações deste texto, deve ser, portanto, um compromisso e uma prioridade, principalmente nestes tempos de urgência que vivemos.